

PRÁXIS, TRABALHO E FORMAÇÃO HUMANA NA TRAJETÓRIA DE LUTA DA ORGANIZAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: ASSIM É TEMPERADO O AÇO.

Júlia Kilme Gama de Castro¹

RESUMO

Esta pesquisa institui como objeto de análise a situação de trabalho e formação política dos catadores de materiais recicláveis. Pretende analisar aspectos relacionados à práxis produtiva e à práxis político-educativa no sentido de compreender o processo de organização e formação desses trabalhadores como sujeitos da transformação social. Os catadores, mesmo como trabalhadores informais, encontram-se na órbita da produção capitalista, produzindo valor excedente a partir dos materiais recicláveis e constituindo uma parcela super explorada da força de trabalho. O fenômeno do lixo como mercadoria, vinculado às transformações do mundo do trabalho e às mutações do capitalismo, situa o trabalho de catação como um trabalho abstrato na dinâmica da cadeia produtiva de reciclagem. Esses trabalhadores representam no Brasil uma força de trabalho de mais de um milhão de pessoas, organizadas no Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Este movimento trabalhista de base popular executa um projeto político-pedagógico próprio de formação de seus associados, capacitando-os tanto para o trabalho autogestionário como para a militância política. O Programa político-pedagógico do MNCR aponta para uma formação crítica, de resistência e superação do modo de produção capitalista. Tomando como ponto de partida o postulado do princípio educativo do trabalho e da práxis, especialmente da práxis político-educativa, esta pesquisa propõe uma investigação teórica e documental do processo de organização e formação empreendido pelo Movimento que consiste na auto transformação dos catadores de materiais recicláveis de categoria que compõe uma das camadas mais exploradas e desqualificadas profissionalmente em importantes sujeitos da transformação social.

Palavras-chave: Práxis, catadores de materiais recicláveis, formação política.

1 Mestranda em Educação Brasileira e membro da linha Trabalho e Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP 2015-2017). Bacharel em Ciências Econômicas pela UFC.

PRACTICES, WORK AND HUMAN TRAINING IN THE FIGHTING
TRAJECTORY OF THE ORGANIZATION OF SCAVENGERS: SO THE STEEL IS
TEMPERATED

ABSTRACT

This research takes as the subject of analysis the working condition and political formation of the collectors of recyclable materials. It aims to analyse aspects related to productive praxis and political-educational praxis in order to understand the process of organization and training of these workers, as subjects of social transformation. The scavengers, even as informal workers, are in the orbit of capitalist production, producing surplus value from recyclables and constituting a super-exploited portion of the labor force. The phenomenon of garbage as a commodity, linked to the transformations of the world of labor and to the mutations of capitalism, places the work of collect as an abstract work in the dynamics of the productive chain of recycling. These workers represent in Brazil a workforce of more than one million people, organized in the National Movement of Collectors of Recyclable Materials (MNCR). This grassroots labor movement carries out its own political-pedagogical project of training their members, enabling them both for self-management work and for political militancy. The political-pedagogical program of the MNCR points to a critical formation, resistance and overcoming the capitalist mode of production. Taking as a starting point the postulate of the educational principle of work and praxis, especially the political-educational praxis, this research proposes a theoretical and documentary investigation of the process of organization and formation undertaken by the Movement, which consists in the self-transformation of recyclable material collectors. Such working category composes one of the most exploited and professionally disqualified layers of the working society while is an important subjects of the social transformation.

Key words: Praxis, waste pickers, political formation.

1. Introdução

Os problemas socioambientais ocasionados pela crescente geração de resíduos sólidos urbanos no mundo se configuram como expressivas manifestações contemporâneas dos impactos destrutivos próprios do sistema de produção do capital. Nas cidades brasileiras, tem-se registrado uma geração vertiginosa de resíduos. Conforme dados de pesquisa apresentados² pela ABRELPE (Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais), entre 2014 e 2015 o volume dos resíduos gerados no país aumentou 1,7% em relação ao período anterior – o que representa um salto de 78,6 milhões de toneladas para 79,9 milhões de toneladas de lixo –, índice que supera a taxa de 0,8% do crescimento populacional urbano no mesmo período.

Os desafios impostos ao ser humano pela necessidade de convívio com os dejetos que produz coletivamente não é um evento novo, uma vez que esta é uma práxis inerente à própria existência humana. A geração de resíduos se dá naturalmente como consequência das atividades produtivas materiais. Embora a postura de afastamento de restos putrefatos seja uma reação espontânea de autopreservação humana, a relação com o lixo nem sempre se limita à sua sordidez. Desde o neolítico, por exemplo, devido às propriedades de fertilização do solo, observadas com a ação das fezes ou dos restos de alimentos para nutrição de animais ou ainda de urina para curtimento do couro, técnica comumente usada durante a Idade Média, desenvolve-se uma relação de dualidade do ser humano com o lixo entre o necessário afastamento e a aceitação por sua utilidade.

O fato é que as diversas formas de reutilização dos resíduos tem se dado, ao longo da história, conforme a organização social desenvolvida por cada civilização, conforme as relações sociais estabelecidas entre os sujeitos e entre estes e a natureza. Na era de um capitalismo considerado avançado, no século XXI, as maiores cidades dos países periféricos dispõem abertamente seus resíduos em ruas e lixões. Nestes espaços urbanos, aonde há lixo, há catadores de materiais recicláveis.

2 Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2015. Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais. Disponível em: <http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2015.pdf>. Acesso em 10/07/2017.

O segmento da população destinada a trabalhar com os refugos humanos é, historicamente, formado por sujeitos considerados marginais à sociedade (prisioneiros, estrangeiros, escravos, ajudantes de carrascos, prostitutas, mendigos, etc.). Desde a consolidação da propriedade privada e a constituição de espaços urbanos, a indicação de pessoas para trabalhar em serviços ligados à limpeza urbana (remoção de lixo, dejetos e cadáveres), conforme nos conta Eigenheer (2009), considerava como critérios a insegurança e a ameaça que representava lidar com tais elementos, extremamente insalubres. Nesse contexto, é possível estabelecer um paralelo entre as realidades históricas e inferir, sem dificuldades, que o perfil social da força de trabalho destinada a lidar com os rejeitos da sociedade na Idade Antiga mantém estreita semelhança na Era considerada ‘Pós-Moderna’.

O ato de catar em si, de retirar do lixo elementos para o autoconsumo e de reutilizar os refugos humanos para distintos fins em si, não é uma especificidade da sociedade contemporânea, mas é somente quando o lixo se configura como mercadoria, como um meio de acumulação capitalista, que passamos a identificar na história humana um segmento específico da sociedade que o reutiliza para além do autoconsumo. Na sociedade do século XXI, a atividade de catar no lixo deixa de ser associada unicamente à mendicância, à miséria social, visto que o fim do produto da cata não é mais predominantemente o uso pessoal direto, mas a geração de renda. O produto retirado do lixo cuja finalidade é sua reinserção na cadeia do valor como nova mercadoria assume um significado social diferente daquele produto retirado do lixo cuja finalidade é sua utilização imediata e direta como valor-de-uso (vestir, calçar, alimentar, servir como insumo) pelo indivíduo que o recolhe. Nesses termos, a atividade de catação contemporânea passa a ser legitimada pelo mercado de países considerados periféricos e semiperiféricos³ como uma preciosa força produtiva, e pela sociedade civil, é legitimada como um nobre e imprescindível trabalho imbuído de função socioambiental.

2. Catadores de Materiais Recicláveis

³ Em países considerados centrais, como Japão, Alemanha e Suíça a parceria entre Estado e mercado faz funcionar a coleta seletiva e a indústria recicladora emprega profissionais da coleta, estabelecendo-se uma relação formal de trabalho. Nestes países, inexistente o trabalho de catador de reciclável atuando em ruas ou lixões.

Mas, afinal, quem são esses trabalhadores com quem, inevitavelmente, se convive, cada vez com mais recorrência nas cidades brasileiras, seja conduzindo seus carrinhos de tração humana pelas vias públicas ou revirando os sacos de lixo nas calçadas residenciais?

Um contingente populacional que cresce *pari passu* ao desemprego e à informalidade e que nos instiga a compreender a curiosa articulação entre o aumento da informalidade no trabalho e sua subordinação ao circuito de acumulação capitalista. Os catadores profissionais são filhos de uma era em que a geração de detritos materiais decorrentes da expansão da produção e consumo de mercadorias em nível mundial cresce numa velocidade sem precedentes. É o “descarte social”, conforme sintetiza Bursztyn (2000, p. 21), estabelecendo um nexo atroz na relação com o “descarte do consumo”: um vivendo do outro. Nos países periféricos e semiperiféricos, os catadores têm representado uma das populações mais numerosas na atualidade do mundo do trabalho. Embora não haja, no território brasileiro, um levantamento preciso da quantidade de catadores distribuídos entre as ruas, lixões e galpões, estima-se que existam aproximadamente um milhão de indivíduos ocupados neste ofício atualmente⁴. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2013, a força de trabalho dos catadores é formada principalmente por indivíduos desempregados, com idade em torno de 40 anos e baixa escolaridade. Em sua grande maioria, homens negros, ocupados precariamente, na informalidade, com remuneração média abaixo do salário mínimo, condições de trabalho insalubres e extensas jornadas (BRASIL, 2013, p.44-45), aumentando as estatísticas do segmento populacional que precisa garantir a sobrevivência dentre as sobras, nas brechas da sociedade capitalista.

Segundo Bosi (2007), a nova dinâmica na articulação entre o trabalho “formal” e “informal” não foge ao controle e nem constitui ameaça à economia capitalista; prova disso é que as ocupações informais nesse processo não perdem sua finalidade de gerar valor para o capital. São extremamente danosos os efeitos sociais e políticos da expansão do trabalho informal para os trabalhadores. Dentre eles estão, conforme Antunes (2002, p.30): “a desregulamentação dos direitos trabalhistas (...),

⁴ Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis – MNCR, 2014. Disponível em: <http://www.mnrc.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>. Acesso em: 07 de julho de 2017.

aumento da fragmentação da classe trabalhadora, precarização e terceirização da força humana que trabalha”.

A crescente quantidade de trabalhadores que tem se ocupado do ofício da catação nos últimos anos no país relacionada à desenfreada geração de resíduos sólidos é uma realidade que, se por um lado, se mostra escancaradamente no cotidiano dos centros urbanos, à porta das casas e à beira das ruas, no convívio inevitável com o que já fora rejeitado, expondo um tanto do que à humanidade é abjeto; por outro, permanece velada, maquiada sob a cortina de projetos sociais e discursos que exaltam o trabalho com o lixo como oportunidade alternativa de geração de renda, e sua reciclagem como uma estratégia sustentável de preservação do meio ambiente. Argumentos que procedem, de fato, mas que ocultam outra realidade: o crescimento do opulento setor de reciclagem estruturado fundamentalmente na exploração da força de trabalho desses sujeitos coletores de matérias-primas⁵.

Para o desenvolvimento deste estudo, no curso pela busca de pesquisas científicas cujo objeto de investigação fosse o catador de material reciclável, identificou-se que frequentemente eles são classificados em três categorias, a saber: como trabalhadores ditos “excluídos”, que encontraram em sua atividade uma geração alternativa de renda; como “agentes ambientais”, que contribuem diretamente com seu trabalho para a educação ambiental e atuam na preservação do meio-ambiente; ou como “sujeitos protagonistas”, que, organizados em associações de produção, trabalham de forma autônoma e negociam livremente o produto de seu trabalho, resistindo ao domínio do modo capitalista de produção. Na perspectiva da totalidade e da práxis, pode-se afirmar que nenhuma das interpretações em tela é falsa, e não o são. No entanto, todas elas se limitam a uma percepção isolada da estrutura que lhe é própria, ao imediatamente aparente, quando analisam o trabalho dos catadores como “marginal” ao processo de acumulação capitalista e a atividade recicladora como dotada pura e unicamente de inúmeros benefícios socioambientais.

Antonio de Pádua Bosi (2007) parte na contramão das teorias comumente apresentadas e problematiza a organização capitalista do trabalho informal identificando

⁵ A matéria prima da qual se trata aqui é o material encontrado no lixo que se converterá na indústria em insumo para produção de “novas” mercadorias.

“a cata de recicláveis como trabalho capitalista e o lixo reciclável, uma mercadoria, desde que isto seja encarado como problema, do qual se parte para a investigação, e não como um dado que antecipa os resultados da pesquisa e da reflexão”. O autor observa que no campo das ciências humanas e sociais, por se situar na esfera da informalidade, o catador é percebido como um “trabalhador por conta própria”, que negocia livremente o produto de seu trabalho. Ainda, quando se referem ao trabalho dos catadores organizados em cooperativas, chegam a conceituá-lo como “alternativo à economia de mercado e à lógica da produção capitalista, enxergando-o como uma nova expressão da resistência e da sobrevivência de uma numerosa população trabalhadora socialmente excluída e que vive na informalidade” (Op. cit., p.102). Deste modo, nos estudos comumente desenvolvidos, o trabalho do catador não é interpretado como trabalho explorado, que gera mais-valia e que é organizado e articulado, em larga medida, em função do processo de acumulação de capital.

3. Na engrenagem do descartável

Ao se observar brevemente o percurso da cadeia produtiva da reciclagem, é possível apreender seu complexo e articulado movimento. Como no Brasil não há coleta seletiva pública, o processo se inicia a olho nu – geralmente nas ruas ou nos lixões – pelo torpe labor de catar dentre os detritos fétidos a matéria que, após ter sido descartada pelo consumidor, será recolhida e classificada pelos trabalhadores da catação, conforme a demanda do mercado da reciclagem. Por conseguinte, os catadores vendem o pesado resultado de sua coleta a um preço irrisório e o material outrora recolhido por eles, a partir daí percorrerá um longo caminho atravessado por diversos revendedores até chegar à indústria de reciclagem. Material este que, integrado novamente no processo produtivo como matéria-prima, reingressará transformado às prateleiras do comércio como nova mercadoria. A matéria que havia perdido seu valor de uso retorna ao ciclo produtivo com seu valor de troca devidamente incorporado.

Notoriamente, a primeira fase do ciclo descrito é realizada por esta força de trabalho excluída do mercado de trabalho formal e sem atributos para a ele retornar, mas que se configura como fundamental para a indústria da reciclagem nas etapas de recolhimento e separação dos materiais a um baixíssimo custo de produção, dado o nível

da remuneração que lhes é atribuído. Marx (1988) há aproximadamente dois séculos, já identificava a importância da manutenção de uma força de trabalho assim estruturada. Percebia que a constituição de uma “superpopulação relativa de trabalhadores” – contingente numericamente expressivo de trabalhadores sem ocupação fixa, que tendia a aceitar condições de trabalho e de remuneração sempre mais rebaixadas do que as praticadas em fábricas e empregos regulares – se consolidaria como elemento central na acumulação de capital.

Numa relação perniciosa com o mercado, é exatamente o fato de estarem numa condição social subalterna que os torna qualificados para esse tipo de ocupação. Afinal, dispor da opção de utilizar uma mão de obra a baixo custo na primeira etapa da produção é um dos fatores que possibilitam à indústria tornar os preços dos materiais reciclados cada vez mais próximos dos materiais não reciclados. Observa-se, contudo, que numa sociedade onde tudo vira mercadoria, estruturada na expansão do consumo, os resíduos por ela gerados se convertem em um meio estrategicamente viável de subsistência de uma população também descartada pelo metabolismo do sistema.

Para o senso comum, a problemática do trabalho com o lixo assume um *status* socioambiental e se torna foco de um debate ampliado por diversos setores da sociedade: órgãos governamentais, indústrias, ONGs, escolas, associações, que dão visibilidade à “questão do lixo” geralmente de forma fragmentada, desconexa à lógica do capital. Por exemplo, não se deixa transparecer em alguns debates – especialmente os que destacam o papel socioambiental dos catadores, conferindo-os o título de “agentes ambientais”- que a crise ecológica, na realidade está inscrita nos fundamentos da produção capitalista, sendo desencadeada exatamente pela sua essência destrutiva, de subordinação da natureza aos imperativos de sua reprodução.

Com efeito, é incontestável o fato de que os resíduos que os catadores retiram do meio ambiente teriam, se ali continuassem, apenas a função de poluir o solo, o ar e as águas. No entanto, ao serem retirados já lhes é conferido um novo valor de uso, visto que tais materiais serão reutilizados como base para produção de novas mercadorias. O interesse dos catadores de retirar o material reciclável do lixo se restringe à sua venda – à geração de renda que ele representa num futuro imediato – e independe, na realidade, da análise de capacidade poluente da matéria que sazonalmente é rejeitada na catação, conforme os ditames do mercado.

Hoje, no Brasil, o trabalho dos catadores, organizados ou não, tem grande significado para as indústrias de reciclagem, sendo calculada sua participação em cerca de 60% do que é reciclado no país. Alimentam a cadeia dos materiais que chegam às indústrias a baixo custo e sem encargos trabalhistas (o que ocorre também quando são cooperativados). Em momentos de crise e baixa de preços, continuam com sua atividade de sobrevivência, submetendo-se aos preços e às interrupções nas compras. O crescimento da reciclagem industrial, desde o início do século XX, tem tido grande peso na economia de países ou regiões industrializadas. (Eigenheer, 2009, p.119)

De fato, são os interesses econômicos dos diversos agentes envolvidos na cadeia produtiva da reciclagem que norteiam a atividade da cata de recicláveis. A exploração da força de trabalho dos catadores, na estruturação deste segmento do mercado, é fundamental e, em países semiperiféricos como o Brasil, se torna imprescindível

4. Formação Política

No Brasil, os “lixeiros”, “garrafeiros”, “homens do ferro-velho”, como eram conhecidos os catadores na década de 1970, começam a se reconhecer como um coletivo de trabalhadores autônomos a partir dos efeitos causados pelas significativas transformações ocorridas no mundo do trabalho neste período. Com a acumulação flexível de capital e o processo de reestruturação produtiva, um grave cenário de desemprego estrutural da classe trabalhadora se estabelece e o deslocamento de trabalhadores com baixa qualificação para o setor informal impele-os a adotarem estratégias de sobrevivência das mais precárias e insalubres (ANTUNES, 2000). Nesse contexto, o número de pessoas que passa a trabalhar na catação se amplia e quando os catadores tornaram-se visíveis nas cidades puderam ser quantificados aos milhares. (BOSI, 2007)

A necessidade de instituir uma representação política nacional origina-se então a partir de articulações pontuais entre os trabalhadores da catação que começam a se organizar para produzir em associações e cooperativas ao final da década de 1980 (fenômeno que está relacionado à consolidação do movimento cooperativista da economia solidária da década de 80). Os núcleos produtivos criados, que se propunham

a ser autogestionários, em pouco tempo passam a se multiplicar por todo o país. Os “catadores de papel e materiais reaproveitáveis” – como à época se identificavam em coletivo –, estando mínima e organicamente organizados para a produção, começam também a empreender ações de articulação política nacional, promovendo diversas manifestações populares no país a partir da década de 1990. (ALENCAR, 2007).

Seguidos nove anos de articulação em bases estaduais, nasce o MNCR, num encontro nacional de catadores, embalado por palavras de ordem do tipo: “Pelo fim dos lixões: reciclagem feita pelos catadores: já!”. Adiante, mais consolidado, com forte atuação junto ao Estado⁶, uma série de leis e decretos federais é aprovada com o fim de beneficiar as organizações produtivas de catadores com o material oriundo da coleta seletiva nos municípios. Tais ações do governo, com ativa participação do MNCR, são explícitas no propósito de apoiar e incentivar a formação de cooperativas e associações organizadas por catadores como meio de fortalecer sua capacidade produtiva e a geração de trabalho e renda.

O movimento popular organizado dos catadores é caracterizado por Gohn (2005) como um movimento que se propõe a atuar em redes, voltado para a execução de ações coletivas propositivas geradoras de trabalho e renda, sendo identificado como um movimento das cooperativas populares e economia solidária, mas também como mandatário por direitos sociais e políticas de inclusão social. O MNCR adota como princípios: a autogestão, ação direta, independência de classe, solidariedade de classe, democracia direta e apoio mútuo. Assume como principais objetivos: a coleta feita por catadores, pagamento pelos serviços de coleta, controle da cadeia produtiva pelos catadores e acesso aos direitos fundamentais como saúde, educação, moradia e creches (MNCR, 2005, p. 6-9).

A organização política dos catadores caracteriza-se como um fenômeno social peculiar não somente por tratar-se do desenvolvimento de uma organização de trabalhadores informais que se fortalece e expande no mundo, mas também pela consolidação desse coletivo como uma categoria profissional. No Brasil, desde 2001, se tornaram oficialmente reconhecidos pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO),

⁶ O diálogo do MNCR com o Estado experimentou comprovada ampliação a partir de 2003, com a gestão do Presidente Lula.

identificados sob a descrição de *Trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável*⁷.

Dentre as diversas atividades políticas realizadas pelo MNCR, promovem “oficinas de formação” em todo o país, executando um Programa Político-Pedagógico voltado tanto para a qualificação produtiva da força de trabalho dos catadores e de suas associações e cooperativas, como para uma formação política e humana calcada em estratégias de resistência e superação do sistema capitalista, visando a “construção de uma nova sociedade” (MNCR, 2005, p. 46).

O programa de formação político-pedagógica do movimento, composto por cartilhas, vídeos, canções, documentários e documentos oficiais produzidos nos encontros nacionais trazem em seu conteúdo o resgate da história de resistência de vários “mártires da luta popular brasileira” e reflexões acerca das condições de exploração às quais os catadores são submetidos, problematizando os limites e a lógica do sistema capitalista. O conteúdo traz elementos que parecem objetivar a tomada de consciência dos trabalhadores e caminhos para uma transformação social efetiva, utilizando em seus textos diversas vezes os termos “emancipação” e “socialismo”.

Em uma de suas canções, chamada “Passando a rasteira nos ômi”, que consta em cartilhas, por exemplo, o MNCR convida os catadores, identificados por eles como “uma categoria historicamente excluída da sociedade”, a saberem:

(...) que tem um movimento que prepara o enfrentamento para o poder popular; auto-gestão da cadeia produtiva; ação direta todo dia pro socialismo alcançar; vem catador pro movimento organizado, pois unidos ficamos fortes e não seremos mais explorados. Vem catador recuperar a dignidade, lutando pra construir o socialismo com liberdade! (MNCR, 2005)

⁷ Cabendo a estes a função de: “coletar material reciclável e reaproveitável, vender material coletado, selecionar material coletado, preparar o material para expedição, realizar manutenção do ambiente e equipamentos de trabalho, divulgar o trabalho de reciclagem, administrar o trabalho e trabalhar com

As ações político-pedagógicas ocupam um lugar de prioridade na agenda de luta deste Movimento que considera a formação política de seus trabalhadores uma estratégia para fortalecer a auto-organização. Segundo o MNCR⁸, seu *Programa Nacional de Luta* tem como um dos principais objetivos “fortalecer a classe trabalhadora dos catadores de materiais recicláveis e refletir sobre a importância da ligação entre todos os movimentos sociais que lutam pela igualdade de classes e pelo respeito dos direitos dos trabalhadores brasileiros”. Com a mesma relevância o Movimento trata, nos momentos formativos, da necessidade de domínio do setor de reciclagem por eles no país, conclamando aos catadores que é preciso “estudar, companheiros; refletir sobre o nosso trabalho, buscar conhecimento para avançar cada vez mais na cadeia produtiva da reciclagem, pois é esse caminho que nos fará garantir uma organização econômica justa e a melhoria de vida das nossas famílias” (MNCR, 2009, p.6).

Na soma das práticas sociais destinadas a fissurar o sociometabolismo do capital, num contexto de tensões e disputas de classes, que envolve os interesses conflitantes tanto da força de trabalho dos catadores, da luta política do MNCR, como do mercado da reciclagem, são incessantes as contradições às quais este movimento está sujeito a enfrentar no exercício de sua práxis político-pedagógica.

Mészáros (2008, p. 27) nos dá pistas quando reconhece que a natureza da educação está vinculada ao destino do trabalho e que “limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa”. No entanto, por outro lado, se trata também de perceber como a práxis política também condiciona a formação revolucionária dos diversos sujeitos imbricados no próprio processo de organização popular.

Quanto à forma como os catadores se organizam para o trabalho – como trabalhadores auto-organizados em cooperativas de produção – Luxemburgo (2010, p.83) analisando as contradições que guardam as cooperativas de produção que pretendem se configurar como parte de uma reforma social geral – alerta que núcleos produtivos “são, por essência, um ser híbrido dentro da economia capitalista” e que aí “a troca domina a

⁸ MNCR: **Programa Nacional de Luta(2015)**. Disponível em <http://www.mnrc.org.br/setores/programa-de-luta>. Acesso em 10 de julho de 2017

produção, fazendo da completa dominação do processo de produção pelos interesses do capital, em face da concorrência, uma condição de existência da empresa”. Entende ainda que “somente contornando a contradição que oculta em si mesma, entre modo de produção e o modo de troca”, pode a cooperativa assegurar sua coexistência nesse sistema.

Contudo, inseridos na complexa realidade da sociedade capitalista, ainda que aparentemente situados à sua margem, os catadores organizados se articulam internamente na luta contra as formas de opressão do poder hegemônico bem como na luta pela sobrevivência material, reivindicando o domínio da cadeia produtiva de reciclagem.

Nesse contexto desafiador, é possível observar no programa de formação política elaborado pelo movimento nacional que os agrega uma possível contradição imposta pela própria realidade. Na prática cotidiana, sendo os catadores responsáveis pela coleta e separação da matéria prima da indústria da reciclagem, ainda que organizados em associações e cooperativas, inserem-se economicamente no mercado capitalista, contribuindo diretamente para sua acumulação e, portanto, participando ativamente do processo de reprodução do capital, como trabalhadores produtivos.

Em meio, pois, ao arcabouço de contradições da realidade concreta, este estudo tem a pretensão de compreender como um trabalho desenvolvido por sujeitos que são historicamente marginalizados, descartados pelo mercado de trabalho formal é o mesmo trabalho que possibilita a expansão da geração de lucros pela indústria da reciclagem, e que, principalmente, considerando o princípio formativo na relação do sujeito com seu objeto de trabalho - de sujeitos lidando com o lixo – como conseguem se organizar politicamente, desenvolvendo núcleos de trabalho cooperativo e formando um forte movimento político representativo de expressão nacional.

Bibliografia

ALENCAR, Bertrand S. **Novos protagonistas no espaço urbano: origem, estrutura e emergência da organização dos catadores no Brasil.** *In*: xii encontro da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional. Belém. 2007.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 4ª ed., São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **As novas formas de acumulação de capital e as formas contemporâneas do estranhamento (alienação)**. CADERNO CRH, Salvador, n. 37, p. 23-45, jul./dez. 2002.

BOSI, Antonio de P. **A organização capitalista do trabalho “informal”**: o caso dos catadores de recicláveis. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 23, nº 67. 2008.

BRASIL. Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada. In: **Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável – Brasil**. 2013. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacaosocial_mat_reciclavel_brasil.pdf. Acesso em 07 de janeiro de 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO – Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br>. Acesso em 07 de janeiro de 2017.

BURSZTYN, Marcel (org.). **No meio da rua** – nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

EIGENHEER, Emílio M. **A história do lixo** – a limpeza urbana através dos tempos. Rio de Janeiro: ELS2 Comunicação, 2009. Disponível em: <<http://www.lixoeducacao.uerj.br/imagens/pdf/ahistoriadolixo.pdf>>. Acesso: 25 mar. 2015

GOHN, Maria G. **O protagonismo da sociedade civil**: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo, Cortez, 2005.

JUNCÁ, Denise C. M. **Mais que sobras e sobrantes**: trajetórias de sujeitos no lixo. Rio de Janeiro. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/FIOCRUZ, 2004.

LUXEMBURGO, R. **Reforma ou Revolução?** São Paulo: Expressão Popular, 1999.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MNCR - Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. **A carta de Brasília 2001**. Disponível em: <http://www.mnrc.org.br/box_1/principios-e-objetivos/carta-de-brasilia>. Acesso em 20 dez. 2016.

_____. **Cartilha de Formação**. São Paulo: Setor de comunicação MNCR, 2005.

_____. **Catador fala para catador.** São Paulo: wwf/fbb, 2012.

_____. **Manual Amigo do Catador.** Programa de formação do Movimento Nacional dos Catadores – Módulos I e II. São Paulo: Equipe pedagógica e de formação MNCR, 2009.

SOUSA Jr. J. de. **Princípio educativo e emancipação social:** validade do trabalho e pertinência da práxis. In: MENEZES NETO, A. J; SOUZA Jr. H. P; LIMA, P. L. O; FRAGA, P. D. (Orgs.). Socialismo e educação. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.